

JUVENTUDE MEDIATEZADA: UM ESTUDO SOBRE AS POSSIBILIDADES DE UMA RELIGIÃO VIVIDA NA E ATRAVÉS DA MÍDIA

MEDIATED YOUTH: A STUDY ON THE POSSIBILITIES OF A LIVED RELIGION IN AND THROUGH THE MEDIA

*Júlio César Adam*¹

*Ezequiel Hanke*²

RESUMO

Este artigo é resultado de um estudo com base em pesquisa de campo realizada pelo autor, com jovens do ensino médio, analisando a relevância do acesso e dos conteúdos da mídia (cinema, TV, música e internet) como uma forma de religiosidade midiática. A pesquisa tomou como referencial teórico a chamada religião vivida (Wilhelm Gräb), segundo a qual o religioso transpôs as fronteiras do próprio religioso e se faz presente na cultura midiática, seja como dispositivo ou conteúdo. A pesquisa de campo buscou averiguar em que medida esta religião presente na mídia se configura uma religiosidade juvenil e em que medida essa religiosidade serve de base para repensar a teologia prática e culto da Igreja.

PALAVRAS-CHAVE: juventude, mídia, religião vivida, culto, teologia prática

ABSTRACT

This article is the result of a study based on field research conducted by the author, with secondary school students, analyzing the relevance of access and media content (movies, TV, music and internet) as a form of media religiosity. The research took as a theoretical framework called lived religion (Wilhelm Grab), according to which the religious transposed the border of religious own and is present in the culture media, whether as a device or content. The field research sought to determine to what extent this present religion in the media to set up a youth religiosity and to what extent that religion is the basis for rethinking the practical theology and worship of the Church.

KEYWORDS: youth, media, lived religion, worship, practical theology

¹ Doutor em Teologia. Professor na Faculdades EST, São Leopoldo, RS. E-mail: julioadam@est.edu.br

² Bacharel em Teologia pela Faculdades EST, São Leopoldo, RS. Bolsista de iniciação científica (IC) da FAPE-RS. E-mail: ezehanke@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado do projeto de pesquisa “Culto, rito e liturgia na complexidade: busca e mapeamento de elementos religiosos na cultura popular acessadas por jovens através das mídias”, o qual tem por objetivo pesquisar o culto cristão a partir de manifestações culturais e midiáticas envolvendo adolescentes e jovens.

Parte-se da tese de que, assim como a religião transpôs fronteiras e está presente fora da esfera explicitamente religiosa-institucional, o mesmo acontece com o culto, a pregação e a liturgia. Rituais, expressões e festas são realizadas com intensidade fora das igrejas e fora dos cultos dominicais, seja nas festas, nos desfiles de escolas de samba, nos estádios de futebol, nas academias de ginástica, no uso das vestes da moda e outros locais inusitados. Enquanto a prédica dominical sobrevive a custo, mensagens em *power point*, *prezi*, preces e correntes lotam nossas caixas de mensagem na internet, as redes sociais, os smartphones e o transcendente transpassam os anúncios publicitários. Lei e Evangelho, denúncia e anúncio desfilam nas telas de cinema³, rodam nas músicas dos *iphones*, nos vídeos do *You tube*, nos cliques de bandas e músicos. Enquanto a ideia de comunidade eclesial atrai cada vez menos pessoas, milhares de comunidades surgem a cada segundo, nos mais diferentes espaços virtuais.

Suspeita-se que um tipo de culto está acontecendo fora da liturgia e da pregação eclesiástica, na cultura da complexidade⁴ protagonizada principalmente pela cultura juvenil-adolescente⁵.

³ MARSH, Clive. *Theology goes to the movies: an introduction to critical Christian thinking*. London/New York: Routledge, 2007.

⁴ MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2006.

⁵ EUGENIO, Fernanda (Org.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006; MAZZARELA, Sharon R. *Os jovens e a mídia: 20 questões*. Porto Alegre: Artmed, 2009. BARBOSA, Livia. (Org.). *Juventudes e gerações no Brasil*

Como escreve Peter Cornehl, “O mundo está cheio de liturgia⁶”. Há uma liturgia no e do mundo, que atrai e congrega pessoas. Pensando de uma maneira prática: o jovem quando vai ao cinema ou quando houve música, está de alguma maneira vivenciando uma liturgia, alimentando uma espiritualidade, seria uma forma de religião vivida? O que há de religioso nessas expressões da cultura? Em que medida essa forma de culto na cultura interfere no culto tradicional da igreja?

O foco da pesquisa é, num primeiro momento, entender o fenômeno religioso na complexidade (Morin), para então, num segundo momento, mapear elementos litúrgicos dentro deste fenômeno. Ou seja, definir a essência do fenômeno religioso especificamente litúrgico e buscar identificá-lo sob o conceito de “religião vivida”.

Parte-se da hipótese de que existiriam, na cultura, elementos cúlticos que proporcionam, além de vivências, uma experiência com o transcendente. O culto, a liturgia e a pregação da Igreja, no seu processo de inculturação, precisariam ser repensados em seus ritos e mitos a partir desses elementos da “liturgia fora da igreja”. Como seria possível esse contato, diálogo e relação, ainda é uma incógnita. Talvez fosse a possibilidade dos chamados *Emerging Rituals*⁷, de embasar esse processo. Se esses elementos do “culto na cultura” podem contribuir para o culto da igreja, sem desfigurar o próprio culto, em sua essência, também é algo que ainda não sabemos. Conceitos e concepções precisarão ser repensados.

Mapear essas “liturgias”, ou seja, os rituais e celebrações, espaços e tempos, sons e melodias, símbolos e vestes,

contemporâneo. Porto Alegre: Sulina/Universidade. 2012.

⁶ CORNEHL, Peter. Die Welt ist voll von Liturgie: Studien zu einer integrativen Gottesdienstpraxis. Stuttgart: Kohlhammer, 2005.

⁷ GRIMES, Ronald L. Emerging Ritual. In: GRIMES, Ronald L. Reading, writing, and ritualizing. Ritual in fictive, liturgical and public places. Washington, D.C.: The Pastoral Press, 1993, p. 23-37.

gestos e movimentos, sentidos e palavras, mitos e sentidos privados, pedidos e agradecimentos, curas e perdões, uniões e reconciliações, iniciações e despedidas, dramas e espetáculos, que possibilitam o encontro com o “transcendente”, sagrado-profano, dentro da cultura popular, cotidiana e midiática do Brasil. Esse mapeamento será feito através de uma pesquisa de campo com jovens e adolescentes do ensino médio da Instituição Evangélica de Novo Hamburgo (IENH), em Novo Hamburgo/RS.

1 A RELIGIOSIDADE JOVEM NO BRASIL DE HOJE

Segundo levantamento realizado por instituto alemão⁸, 65% dos jovens brasileiros são considerados “profundamente religiosos”. Analisando esses dados, o sociólogo Flávio Pierucci, em entrevista online, afirma: “Um jovem acha na internet qualquer coisa – ele pode entrar em um site islâmico, pode ter curiosidade sobre a cientologia, a religião do ator Tom Cruise, ele pode se informar sobre uma seita como o Santo Daime. A religião fica mais viva”¹⁰. Nesse sentido, dedicar atenção ao jovem capacita-nos para melhor entender o momento atual, sem de início, apontar para causas ou sintomas. Isso pode ser, no mínimo, superficial.

Vivemos numa fase avançada, quando muitos preferem chamar de pós-modernidade ou hipermodernidade. Por um lado, nunca se viveu em outros tempos tamanha liberdade no meio jovem, fazendo eco ao grito de jovens no ano de 1968. Por outro lado, a mídia, que, por vezes, impõe grifes, músicas, gostos, linguagens torna os jovens verdadeiros escravos do capitalismo midiático.

⁸ Bertelsmann Stiftung é instituto alemão com sede na cidade de Gütersloh.

⁹ Veja o gráfico da pesquisa em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u425526.shtml>. Veja também: <http://www.religionsmonitor.de/> Acesso em 20 de julho de 2013 às 21h00min

¹⁰ <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u425463.shtml>. Acesso em 20 de julho de 2013>.

O termo “religiosidade”, central nesta pesquisa, apresenta um significado amplo, que serve atitudes marcadas pela fé, mas também como seres humanos em busca de sentido para a vida. Pode-se afirmar também que a experiência da juventude atual com a religião acontece em contexto plural (político, econômico, social, religioso...). Todos estes elementos são levados em consideração neste texto, por isso, encontramos-nos frente a um grande desafio.

Estudos apontam para uma grande mudança em relação à adesão das religiões enquanto código institucional restrito. Essas religiões e igrejas perdem seu protagonismo e liderança, mas não perdem seu potencial de metamorfosear na cultura pop e midiática atual. Eventos da cultura pop e midiática compõem, nesse sentido, uma verdadeira religiosidade fora da religião institucional, mas, ao mesmo tempo, alimentados por conteúdos e práticas das próprias matrizes religiosas institucionais. Poderíamos, por isso, falar de uma verdadeira destradicionalização da religião na atualidade brasileira. Ribeiro fala sobre desregulação religiosa, a qual se caracteriza não só pela contínua queda da pertença religiosa, mas basicamente pela “autonomia” por parte dos praticantes de interpretar e viverem a religião a seu modo¹¹. Entre as culturas jovens, essa tendência tem sido percebida.

Hervieu-Léger usa o termo “desinstitucionalização”, que, segundo ela, se caracteriza pela

perda da força da observância, o desenvolvimento de uma religião “à la carte”, a proliferação das crenças combinadas a partir de várias fontes, a diversificação das trajetórias de identificação religiosa, o desdobramento de uma religiosidade peregrina: todos esses fenômenos são indicadores de uma tendência geral à erosão do crer religioso institucionalmente validado¹².

¹¹ RIBEIRO, Jorge Cláudio. Religiosidade jovem: pesquisa entre universitários. São Paulo: Loyola/Olho d'Água, 2009. p. 80

¹² HERVIEU-LÉGER, Daniele. O peregrino e o convertido: a religião em movimento.

Na desinstitucionalização, a bricolagem e a reinvenção religiosa passam a circular livremente e cada um, individualmente, elabora seu sistema de crença à *la carte* e com aparente autonomia, totalmente à revelia da instituição religiosa. O estilo emocional e espetacular, a catarse, o mágico, a experiência íntima, a individualização e a livre disposição dos produtos religiosos por parte do crente são os critérios para a vivência religiosa, como aponta Bobsin

Lastreadas pela globalização, as ideias religiosas ou as mercadorias circulam livremente pelo mundo, com a diferença de que estas não sofrem prejuízos, ao passo que aquelas assumem novas características. Pode-se tomar como exemplo a ideia da reencarnação. Arrancada do mundo do hinduísmo, Índia, é reinterpretada por Allan Kardec na Europa do século XIX e re-significada pelo espiritismo brasileiro, sendo transfigurada pela New Age, perdendo, assim, não só o seu território e sua função social numa sociedade de castas ou hierárquica, mas também seus impulsos éticos¹³.

Para falar do fenômeno, Hervieu-Léger usa a metáfora do *peregrino* e do *convertido*. Tanto o peregrino quanto o convertido estão no centro como “protagonistas” do seu modo de crer. Ambos estão em movimento em nome da crença. Enquanto o peregrino circula na busca de elementos religiosos tradicionais combináveis com sua biografia, fazendo uma bricolagem, o convertido escolhe uma proposta com a qual possa, definitivamente, identificar-se e pertencer, e que o envolva no mais profundo do seu ser através da experiência. Para o convertido, já que a religião não muda mais o mundo, ela muda ao menos o indivíduo. Nesse sentido, a antropóloga Regina Novaes aponta

Petrópolis: Vozes, 2008. p. 170.

¹³ BOBSIN, Oneide. Correntes religiosas e globalização. São Leopoldo/Curitiba: CEBI/IEPG/PPL, 2002. p. 15.

É nesta geração que se generaliza a possibilidade de se declarar “sem religião”, sem abrir mão da fé. “Ser religioso sem religião” significa, sobretudo, um certo consumo de bens religiosos sem as clássicas mediações institucionais como um estado provisório (entre adesões) ou como uma alternativa de vida e de expressão cultural. Não por acaso, a Bíblia é o maior best seller do nosso tempo. Para ter acesso à Bíblia, os jovens brasileiros de hoje não precisam desconsiderar a autoridade dos padres ou pastores, nem precisam a eles se submeter. A Bíblia pode ser comprada em qualquer esquina e seus versículos são cantados nas letras de rap e aparecem escritos em outdoors no centro das cidades, nos muros das favelas e periferias. Expressando vínculos institucionais ou apenas crenças mais difusas, nos últimos anos, a linguagem religiosa se faz presente em muitas expressões juvenis na área de arte e cultura¹⁴.

Portanto, no contexto atual, religião torna-se um fator de escolha em uma sociedade que aponta para inúmeras possibilidades, mas que reduz o acesso e oportunidades. Em tal meio, a vivência religiosa desponta na geração jovem atual, vivendo a religião na vida cotidiana e na cultura, simplesmente, uma “religião vivida”.

2 RELIGIÃO VIVIDA

*Religião vivida*¹⁵ nada mais é do que uma forma de perceber elementos, conteúdos e formas religiosas na esfera dita “profana”, ou seja, fora da instituição religiosa, fora do culto, fora da própria esfera sagrada e fora da religião. Nas manifestações da religião

¹⁴ NOVAES, Regina R. Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes. Estudos avançados, São Paulo, v. 18, n.52, p. 321-330, 2004.

¹⁵ Tomo esta expressão gelebte Religion do contexto alemão, onde se definiu esta forma de perceber a manifestação do religioso. GRÄB, Wilhelm. Auf den Spuren der Religion. Zeitschrift für Evangelische Ethik, n. 39, 1995, p. 43-56; GRÄB, Wilhelm. Lebensgeschichten, Lebensentwürfe, Sinndeutungen: eine praktische Theologie gelebter Religion, 2. ed. Gütersloh: Gütersloher Verlag, 2000; FAILING, Wolf-Eckart; HEIMBROCK, Hans-Günter. Gelebte Religion wahrnehmen: Lebenswelt, Alltagskultur, Religionspraxis. Stuttgart : Kohlhammer, 1998.

vivida se diluem as próprias fronteiras entre sagrado e profano. Importa, sim, o uso que as pessoas fazem de seus conteúdos e formas e a função da religião vivida na vida concreta.

Na década de 80, um estudo, no Brasil, do antropólogo André Droogers apontava para uma matriz cultural religiosa brasileira que ia além da instituição religião. Ele chamou esse fenômeno de Religiosidade Mínima Brasileira (RMB)¹⁶. Segundo Droogers, a RMB assume as seguintes características:

Trata-se de uma religiosidade que se manifesta publicamente em contextos seculares, que é veiculada pelos meios de comunicação de massa, mas também pela linguagem cotidiana. Ela faz parte da cultura brasileira. (...) ... a RMB não é o acervo ou mesmo matéria-prima da qual as religiões tiram seu repertório. (...) ... não tem clero, a não ser as pessoas que são os seus porta-vozes. Ela não tem escritura sagrada, a não ser os jornais e as revistas. Rituais são raros, mas talk shows na televisão podem acabar se tornando cultos da RMB. Ela não conhece hinos, a menos que certas músicas de Roberto Carlos sejam vistas assim¹⁷.

A concepção de RMB de Droogers se aproxima muito, enquanto fenômeno, da chamada religião vivida. Ambas não existem enquanto tal. Trata-se, sim, de uma maneira de perceber manifestações do religioso no cotidiano das pessoas e na cultura pop. A religião vivida pode estar presente na literatura¹⁸, nos super-heróis das histórias em quadrinho¹⁹, na moda e em

¹⁶ DROOGERS, André. Religiosidade Mínima Brasileira. *Religião e Sociedade*, v. 14, Caderno 2, 1987. p. 63ss.

¹⁷ DROOGERS, 1987, p. 63ss.

¹⁸ MAGALHÃES, Antônio. *Deus no espelho das palavras*. São Paulo: Paulinas, 2000.

¹⁹ REBLIN, Iuri Andréas. *Para o alto e avante: uma análise do universo criativo dos super-heróis*. Porto Alegre: Asterisco, 2008; REBLIN, Iuri. *Planeta diário: rodas de conversa sobre quadrinhos, super-heróis e teologia*. São Leopoldo: EST, 2013.

tendências de comportamento²⁰, na música²¹, no marketing²², nos sites da internet²³, no cinema²⁴. Como aponta Gräß:

Onde pois encontramos hoje pistas desta religião? Com certeza não apenas na Igreja. Podemos encontrá-la nas colunas de aconselhamento nas revistas e nas ilustrações dos personagens fictícios dos comic strips, nas páginas de horóscopo, e no vasto mercado dos livros esotéricos. Podemos encontrá-la nas artes plásticas com suas chocantes e questionáveis obras, apontando para nossa imperceptível transcendência cotidiana. Podemos encontrá-la na terapêutica com sua oferta de vivência individual e meditações sincréticas. Podemos encontrá-la em facções políticas, que exigem relações de inclusão social e asseguram identidades pessoais. Podemos encontrá-la no consumo, através das propagandas com promessas religiosas. Podemos encontrá-la na indústria do turismo, no culto em torno à alimentação e aos exercícios físicos, que faz do paraíso uma promessa²⁵.

Como vemos, a religião vivida está incrivelmente relacionada direta ou indiretamente, explícita ou implicitamente com as diferentes mídias. No estudo da chamada religião vivida, percebe-

²⁰ LIPOVETSKY, Gilles, A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Cia das Letras, 2006. p. 131ss.; GALINDO, D., GUSSO, A. C. Quando o sagrado vira moda. In: MELO, José Marques de; GOBBI, Maria Cristina; ENDO, Ana Claudia Braun (Orgs.). Mídia e religião na sociedade do espetáculo. São Bernardo do Campo: UEMESP, 2007. p. 62-78.

²¹ CALVANI, Carlos E. Momentos de beleza: teologia e MPB a partir de Tillich. In: Portal de Publicações Científicas, n. 8. Disponível em: <http://www.metodista.br/ppc/correlatio/correlatio08/momentos-de-beleza-2013-teologia-e-mpb-a-partir-de-tillich> Acesso: 21/03/2010.

²² BOLTZ, Norbert; BOSSHART, David. Kult marketing: die neuen Götter des Marktes, Düsseldorf: Econ, 1995. BECKS, Hartmut. Der Gottesdienst in der Erlebnisgesellschaft. Walthrop: Spenner, 1999.

²³ SBARDELOTTO, Moisés. „E o verbo se fez bit”: uma análise da experiência religiosa na internet. São Leopoldo: Unisinos/IHU, 2012.

²⁴ MARSH, 2007; HERRMANN, Jörg. Sinnmaschine Kino: Sinndeutungen und Religion im populären Film. Gütersloh: Kaiser, 2000.; KIRSNER, Inge. Film, Fragment, Fraktal: eine kleine Kino-Apokalypse. In: STOLT, Peter; GRÜNBERG, Wolfgang; SUHR, Ulrike (Hrsg.). Kulte, Kulturen, Gottesdienste : öffentliche Inszenierung des Lebens. Göttingen : Vandenhoeck & Ruprecht, 1996. p. 50-62.

²⁵ GRÄB, 1995, p. 47. (tradução do autor)

se que as mídias, em suas mais variadas formas e conteúdos, veiculam, direta ou indiretamente, explícita ou implicitamente, mensagens carregadas de símbolos, proporcionam ritos e recontam mitos, que antes encontravam sua expressão na liturgia do culto dominical das igrejas. Sacralizam, assim, o tempo e o espaço, virtual e real, cuidam do corpo e do espírito, imagens e hipertextos. As mídias orientam e dão sentido para a existência das pessoas, como uma verdadeira liturgia sendo “celebrada” e ritualizada nas telas dos dispositivos de tecnologia virtual, na vida cotidiana, na cultura pop. E mais ainda: na América Latina, essa nova “liturgia” vivida dá espaço e vazão para elementos como o sincretismo, a religiosidade popular, herética, subversiva, malandra, humorada, latina. Elementos são banidos dos altares do culto oficial, livremente acessados pelas culturas jovens.

O religioso faz parte da vida. Como a vida e a mídia se fundem na atualidade, o religioso vivido se expressa através da mídia. É como se a TV, o cinema, as revistas, a internet expressassem um tipo de devoção religiosa vivida, prática e presente, como se o culto acontecesse na cultura popular e no próprio cotidiano²⁶.

Essa maneira de perceber o religioso na e através da cultura não é algo novo. O teólogo alemão, Paul Tillich, no período entre as duas grandes guerras, desenvolveu a ideia de uma teologia da cultura²⁷. Segundo Tillich, a religião expressa a preocupação com que aquilo nos preocupa em última análise, aquilo que preocupa o ser humano no mais profundo do seu ser. Buscamos em Deus a resposta diante da preocupação incondicional da existência. Tal preocupação última rompe as barreiras de credos e religiões. É uma preocupação que vai além de conceitos como sagrado e

²⁶ Na obra, STOLT, Peter; GRÜNBERG, W.; SUHR, U. (Org.). *Kulte, Kulturen, Gottesdienste: öffentliche Inszenierung des Lebens*, 1996, encontramos vários artigos que demonstram a relação entre culto cristão na cultura dita profana, seja na arquitetura da cidade, no teatro, no cinema, no futebol, nos memoriais, nas festas e jogos, no marketing.

²⁷ TILLICH, Paul. *Teologia da cultura*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

secular. Com base nessa percepção existencial da religião, Tillich irá relacionar a religião à cultura:

A religião, considerada preocupação suprema, é a substância que dá sentido à cultura, e a cultura, por sua vez, é a totalidade das formas que expressam as preocupações básicas da religião. Em resumo: religião é a substância da cultura e a cultura é a forma da religião. Com isso, evita-se o dualismo entre religião e cultura. Cada ato religioso, não apenas da religião organizada, mas também dos mais íntimos movimentos da alma, é formado culturalmente²⁸.

Tillich vê, na produção artística – arte visual, música, literatura, poesia, arquitetura, dança – da primeira metade do século XX, uma reação criativa à euforia técnica da sociedade industrial de produção e consumo. Na sua visão, a produção cultural desse período, mais do que a teologia liberal produzida na Igreja e, em parte, sintonizada com a sociedade industrial, era o espaço possível para expressão da angústia humana. Ou seja, a produção cultural clássica dá forma à religião, como expressão, linguagem da preocupação humana última. Para Tillich, “a cultura não era apenas o lugar onde a igreja vivia. Ela era também *locus* teológico, manancial de experiências revelatórias e espaço onde se manifestam sinais de buscas do Sagrado e rastros de contato com o Incondicional²⁹”. Por isso, a teologia da cultura, por ele desenvolvida, indica que a teologia deve tomar o imenso e profundo material da cultura, pois ele é feito da substância religião e toda cultura nada mais é que a forma dessa religião básica, humana.

A teologia da cultura se interessa pela qualidade reveladora da cultura, partindo da seguinte suspeita: toda criação artística, na medida em que provoca uma forte experiência estética, é uma

²⁸ TILLICH, 2009, p. 83.

²⁹ CALVANI, Carlos Eduardo. Teologia da arte: Espiritualidade, Igreja e Cultura a partir de Paul Tillich. São Paulo: Paulinas/Fonte Editorial, 2010, p. 60.

revelação. [...] com a teologia da cultura ele buscou compreender melhor suas experiências, justifica-las teologicamente e fazer com que as experiências estéticas de outras pessoas pudessem também ser qualificadas e reconhecidas como religiosas, na medida em que delas irrompe uma percepção do poder ser, uma abalo existencial que provoca sensíveis mudanças no sujeito que as vivencia³⁰.

A Teologia da Cultura de Tillich enriquece o estudo do que aqui temos chamado de religião vivida, mesmo que essa nuance olhe intencionalmente à cultura pop, a tão criticada indústria cultural³¹. Olhar para as manifestações religiosas da cultura como um todo, inclusive da cultura pop e midiática, é também uma forma de perceber elementos da preocupação última do ser humano. A religião vivida passa a ser, então, uma forma de rastrear o sagrado³², nas entranhas da própria cultura pop e midiática, onde pulsa a preocupação última do ser humano.

Para a Teologia Prática, a religião vivida configura-se como uma nova tarefa: não só estudar e pensar a prática da Igreja, mas mapear e interpretar a religião vivida, como uma forma de refazer-se enquanto teologia que pensa a própria teologia e a prática da Igreja. Para o Ensino Religioso escolar, a religião vivida a partir da mídia mostra-se como uma porta de acesso à religiosidade dos alunos e uma forma de acesso às grandes matrizes religiosas da cultura humana.

Essas manifestações da religião vivida estão especialmente presentes na cultura dos jovens e adolescentes, como vimos no ponto acima. Eles, os jovens e adolescentes, têm sido, em especial,

³⁰ CALVANI, 2010, p. 76.

³¹ Sobre a indústria cultural, ver ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p. 99-138.

³² GANZEVOORT, R. Ruard. Encruzilhadas do caminho no rastro do sagrado. Estudos Teológicos. São Leopoldo, v. 49, n. 2, p. 317-343, jul./dez. 2009.

os mais resistentes a uma participação mais ativa no universo da religião-institucional, mas, paradoxalmente, são eles os que mais protagonizam essa “religião midiática” e esse culto fora da Igreja. Por isso, de modo especial, este estudo pretende focar o fenômeno neste contexto e a partir da realidade dos adolescentes e jovens. Estabelecer com eles um diálogo, estudando e analisando como alunos do ensino médio e dos cursos técnicos e superior da IENH (adolescentes-jovens de 16 anos) entendem e vivem aspectos da cultura e da religião. Também com eles será analisada a recepção de propostas litúrgicas moldadas a partir da inter-relação entre elementos da liturgia e da cultura. Seria a religião vivida uma forma de religião?

3 RELIGIÃO VIVIDA EM UM GRUPO DE JOVENS DO ENSINO MÉDIO

A pesquisa de campo com adolescente e jovens se divide em três partes. A primeira parte da pesquisa, cinco questões, além de identificar os jovens, busca mostrar a relação e o entendimento desses jovens em relação à religião institucional, bem como a vivência de espiritualidade e religiosidade. Quer-se aqui entender um pouco da identidade e da espiritualidade desses jovens e de sua prática religiosa institucional. Na segunda parte, cinco questões, busca-se entender a vida cotidiana e um pouco da cultura dos jovens pesquisados. Já na última parte, 12 questões, procura-se averiguar o acesso, o uso e a função de quatro diferentes mídias: filmes, músicas, computador e tv. Busca-se averiguar, aqui, especificamente, em que medida o acesso e os conteúdos de determinadas mídias consumidas por esses jovens representa algo religioso, no sentido daquilo que R. Alves define como religião.

Responderam a um questionário semiaberto 29 jovens, de 16 anos, masculino e feminino, estudantes do Ensino Médio, da

Fundação Evangélica (IENH)³³, na cidade de Novo Hamburgo/RS. O questionário foi respondido pelo grupo, durante o período de aula.

3.1 A religiosidade dos jovens

Quanto à religiosidade dos jovens pesquisados, obtiveram-se os seguintes resultados: sobre a participação e o envolvimento com atividades e ritos religiosos e devocionais, apenas 7% dos jovens dizem que desenvolvem uma prática religiosa e devocional regularmente. 39% dizem participar eventualmente de alguma atividade religiosa em casa ou em alguma instituição religiosa. 16% se definem como religiosos, mas não frequentam uma instituição religiosa ou aderem a uma determinada prática devocional. 13% dizem que não frequentam instituições ou praticam algum rito religioso. Outros 13% dizem que praticam apenas a oração. Vemos, assim, que quase a metade (42%) participa regularmente ou eventualmente de alguma atividade ou prática religiosa. Um segundo grupo (29%) não pratica atividade ou frequenta uma determinada instituição religiosa. Desses, 16% definem-se como religiosos, mas não desenvolvem uma prática religiosa.

Sobre a vida religiosa, em si, 55% a definem como pouco participativa ou inativa. 18% a definem como boa, que significa: rezam à noite ou vão à Igreja, com uma certa rotina, ou quando necessitam de ajuda. 7% dizem explicitamente que creem em Deus, mas não praticam uma religião. Quando perguntados diretamente sobre a crença em Deus, 93% dizem crer em Deus e, apenas, 7% afirmam que não. Isso confirma outras pesquisas feitas com jovens, no contexto brasileiro³⁴. Que Deus é este em que se crê ou em que não se crê, é algo a ser questionado. É o

³³ Sobre a IENH, confira no site da escola <http://www.ienh.com.br/4-conheca-a-ienh>. Acesso em 31/08/2013.

³⁴ RIBEIRO, 2009, p. 160ss.

Deus bíblico, ou algo como uma força, energia cósmica? Dos que dizem crer em Deus, 85% definem Deus a partir de categorias bíblicas ou aproximadas, como um ser criador ou um ser próximo da pessoa.

Perguntados sobre a importância da Igreja e da religião, a maioria diz que a instituição é importante como espaço para a vivência e a participação da dimensão religiosa. Essa participação deve, no entanto, ser livre. Quando perguntados pela função da religião, as respostas são muito positivas. 61% dizem que a religião orienta e aponta para um sentido na vida, ajuda a ter fé, a ter critérios ético-morais.

3.2 Vida, relação e cultura jovem

Sobre o cotidiano fora da escola, é surpreendente o grande número de atividades realizadas por esses jovens. A maioria, 81% das respostas mencionam a academia e/ou atividades de atletismo (talvez na própria escola). Chama atenção que 9% mencionam acompanhamento psicológico. Perguntados sobre o que fazem nas horas livres, aparece uma variedade de atividades como sair com amigos, namorados, dormir ou não fazer nada, tocar violão, ler livros, realizar tarefas escolares, assistir a filmes. Vários (13 respostas) usam o tempo livre no computador.

Sobre alegria e satisfação na vida, 76% colocam as pessoas (família e amigos) como resposta. 12% falam que o que dá satisfação tem a ver com atividades, determinados momentos, como leitura, diversão, prazer. 9% falam de sucesso e conquistas como algo que dá alegria. Sobre o que preocupa e assusta, 43% apontam o futuro (p. ex. o vestibular e a família). 28% temem perder alguém. 7% mencionam a violência, como algo que assusta. Sobre a base e sustentação da vida, a família e os amigos aparecem em 76% das respostas. 14% colocam Deus e a família como base da existência. 7% em si mesmos e 3% em nada.

3.3 Acesso, uso e função da mídia

No que se refere aos **filmes**, todos os jovens pesquisados assistem a eles, sendo o gênero comédia o mais citado, seguido por ação, terror, suspense, romance, drama e outros. 44% dizem que além de assistirem a filmes em casa, assistem também no cinema. 59% contra 41% dizem que os filmes impactam, sim, suas vidas. 83% das respostas confirmam que os filmes ajudam a viver. Destas respostas, 48% dizem que os filmes ajudam a valorizar as pessoas e a passar mensagens boas. 14% dizem que os filmes trazem lições de moral e que conseguem convencer porque a moral, a verdade, é trazida através de uma história. 14% afirmam a importância de ter outras visões de mundo, por meio dos filmes. Já 9% falam que os filmes dão exemplos de superação.

A lista dos filmes que impactaram os jovens é grande e variada. Assim também são variadas as justificativas. A questão existencial é a que mais aparece: Antes que o dia termine; A vida e morte de Charlie, Para sempre ao seu lado, p. ex., são destacados porque tratam da morte e da perda de quem amamos, o grande medo. O filme Click dá o recado de que a vida precisa ser aproveitada antes de perder as pessoas. A última música é uma história triste que mostra a rejeição de uma filha ao seu pai, que morre de câncer, no final. O menino do pijama listrado, além de ensinar sobre a época de Hitler, faz pensar na vida. Hair, fez pensar que apesar de todas as preocupações que temos não se igualam à dor da guerra. Sete vidas é uma história linda. Os demais filmes e justificativas são variadas: I love you, porque mostra o grande amor de um homem por uma mulher. Cisne negro, fez identificar-se com a personagem. Marley e eu, fez gostar de animais. O exorcismo, Harry Potter e a câmera secreta, provocaram susto e medo. Outros filmes são simplesmente citados: Bastardos inglórios, Blade Runner, Curtindo a vida adoidado.

Temos pois, no caso dos filmes, um claro sinal de que os filmes são mais que apenas um entretenimento para os jovens. Filmes

são exemplos para viver, apontam caminhos, ensinam e ajudam a reconhecer a própria história e personalidade.

Quanto à **música**, todos os investigados ouvem música e ouvem durante muitas horas no dia. 54% deles ouvem música de 2 a 3 horas por dia. 25% ouvem música uma hora por dia. E 21% ouvem música de 5 a até 10 horas por dia, ou seja, ouvem música quase sempre quando estão acordados e/ou dormindo (um jovem diz que ouve música, com fones de ouvido, enquanto dorme). Surpreende aqui a quantidade de horas usadas para ouvir música. Sabe-se que muitos jovens ouvem música enquanto realizam outras atividades (deslocamentos, estudo, leitura, academia, sono, etc).

Perguntados sobre o estilo de música ouvido, temos uma variedade. Apenas o funk é mencionado com o estilo que não faz parte do repertório. 27% respondem que o estilo que ouvem é eclético. 31% apontam o rock pop como o estilo preferido. 93% ouvem música em casa ou no carro. Perguntados sobre o impacto da música na vida, 86% dizem que a música impacta na vida, contra 14% que dizem que não. O que significa esse grande impacto, não fica claro, aqui. A questão seguinte busca sondar esta função da música. 59% dizem simplesmente que a música ajuda a viver.

No caso da música, assim como do filme, o conteúdo é muito importante. Mais do que a música em si. Ouve-se música por prazer, como entretenimento, quando se está em casa ou a caminho, como um complemento para a vida. A música séria desempenharia quase o papel da música de fundo nos filmes e novelas. Mas, também, o conteúdo das músicas funciona como um espelho de si e de sua história: as músicas fazem pensar, fazem refletir e pensar na vida, letras nos movem, representam momentos da vida, animam, trazem mensagens, expressam sentimentos, compartilham experiências de vida que já passamos, incentivam.

Da mesma forma que as mídias anteriores, todos os jovens pesquisados dizem que usam o **computador**. A maioria usa o computador de 1 a 4 horas diárias. Quanto ao tipo de uso feito, as redes sociais (Facebook, Twitter e Tumblr) representam 70% das respostas. Outros usam também o computador como ferramenta e suporte de estudo e um grupo menor como forma de entretenimento. O impacto do computador – site ou programa – na vida é um fato para apenas 38%. Por outro lado, 61 % reconhecem que determinados sites e programas ajudam a viver. Os motivos, no entanto, são pragmáticos: baixar materiais (músicas, p. ex), tirar dúvidas (Google), distrair e autoajuda (Tumblr, p. ex.).

Chama a atenção que o Tumblr impacta na vida (30%) porque lá as pessoas escrevem o que realmente sentem, expressam sentimentos e medos livremente. Novamente aqui, como no caso dos filmes e, em parte da música, temos uma mídia ajudando os jovens, dando um modelo, um exemplo a ser seguido ou, simplesmente, um espelho, através do qual se pode reconhecer a própria vida e a própria caminhada.

No que se refere à **TV**, temos, também, um grande número de acesso. 58% assistem à TV de 1 a 2 horas diariamente e 25% de 2 a 4 horas. A maioria dos programas assistidos são novelas, seriados e telejornais. A seguir são mencionados desenhos animados, esportes e filmes. Diferente dos filmes, para a maioria dos jovens (72%), a Tv não impacta suas vidas. Dos 28 que disseram sim, os programas citados foram: as séries House, Friends, Dexter, Scrubs e programas de esporte. Novamente aqui, os motivos estão relacionados a modelos e exemplos de vida, formas de lidar com as relações, apontar alternativas, ensinar coisas da vida, superação.

Da mesma forma, que a questão anterior, para apenas 21%, os programas ajudam a viver. Nesse caso, a fundamentação está relacionada a questões práticas como informação e diversão ou, novamente, ajudar a entender a vida, apontar caminho, dar exemplos de persistência, p. ex.

ANÁLISE DA PESQUISA E CONCLUSÕES

A pesquisa realizada confirma o que aparece em outras pesquisas: jovens acreditam em algo (ser, energia) transcendente, são religiosos mas não se veem necessariamente ligados a uma instituição ou a uma prática religiosa tradicional, determinada. Chama-se a atenção nesta pesquisa que há um número relativamente alto de jovens (42%) que participam regularmente ou eventualmente de alguma atividade ou devoção. Muitos citam que o fazem acompanhados pelos pais ou avós. Como têm 16 anos, talvez sejam ainda levados a participar dessas atividades.

Em relação à instituição religião e à Igreja, há uma visão bastante positiva por parte dos jovens. A religião e a Igreja alimentam a espiritualidade. É um reservatório de conteúdo e espaço para experiências e vivências, mesmo que eles mesmos não pareçam tão convictos a participar dessa instituição pessoalmente. Essa visão positiva deve ser investigada. Haveria um retorno dos jovens às igrejas?

Quanto à vida diária, confirma-se uma cultura de adolescentes e jovens de classe média alta, que dispõe de tempo exclusivo para estudar e dedicar-se a outras atividades formativas como cursos de idiomas e de música e o cuidado de si, como academia e a psicologia. São jovens atarefados e ocupados, mas que podem também curtir a vida, com amigos, familiares, dormir e não fazer nada, fazer o que gostam. Os jovens se apoiam fortemente na família. São dependentes da família não só financeiramente, mas também emocionalmente. Mesmo assim, são jovens inseguros diante do futuro. Temem que não saibam dirigir suas vidas, até aqui conduzidas pelos pais e compartilhada por amigos, que vivem na mesma condição. Por isso, o maior temor é perder as pessoas que amam, algo que, no futuro, de alguma maneira, terá que acontecer.

São jovens com amplo e livre acesso às mídias, principalmente aos filmes (casa e cinema), à música de vários estilos, às redes sociais e a outros programas de computador. Consomem os materiais e conteúdos veiculados pela mídia.

Não é possível fazer uma relação direta entre a religião e a mídia. Seria simplista e até tendencioso. Ou seja, não é possível dizer que os jovens pesquisados alimentam e exercitam a sua crença, sua espiritualidade em conteúdos da mídia, como filmes, séries de Tv e músicas, como era uma das hipóteses da pesquisa. O que fica evidente, no entanto, é que a mídia, principalmente os filmes, séries de Tv, as letras das músicas, conteúdos do Tumblr ajudam os jovens a viver, dando-lhes, a partir de suas narrativas ficcionais ou reais, exemplos e orientação para lidar com questões existenciais, relacionais e emocionais da vida. Exatamente aqui encontramos a religião.

A religião institucional foi por gerações o espaço e o meio para lidar com questões existenciais, relacionais e culturais. No caso da Igreja, a participação na vida comunitária, no culto, nos grupos e ações externas da comunidade e a adesão consciente ao seu código de crença e valores ajudavam as pessoas, nas diferentes faixas etárias, a viver. A Igreja possibilitava uma clara orientação para viver. Como a adesão hoje tornou-se facultativa e pessoal (ver os estudos de Hervieu-Léger, acima), onde buscar referenciais para viver? Parece-nos que os jovens pesquisados nos dão uma resposta. A mídia ajuda, hoje, a viver. Através de conteúdos midiáticos, eles podem espelhar e orientar suas vidas. Encontram nas narrativas da mídia suas próprias histórias de vida, orientação e ensinamento para situações a serem enfrentadas agora e no futuro.

Nesse sentido, a mídia tornou-se muito mais pragmática do que a Igreja. Se, porém, consideramos a crença dos jovens pesquisados

(93% dizem crer em Deus)³⁵ e se tomamos a definição de Alves de religião como extensão do ser humano para além dos limites da realidade³⁶, vemos que o religioso da mídia não é apenas algo pragmático, mas também um espaço de iluminação para a vida frente às limitações e angústias da vida, também de jovens com bons recursos de vida. Para jovens que vivem uma fé independente de instituição, é a mídia e seus produtos que darão a orientação e a afirmação para viver. Nesse sentido, a mídia ocupa o mesmo papel que o culto ocupava na Igreja: orientação, afirmação, expressão e comunhão³⁷.

A teologia prática e a liturgia da Igreja deveriam levar a sério essas considerações e refletir em que medida o culto poderia dialogar com a religião vivida. Considerando a simpatia dos jovens pela religião e a igreja, em que medida elementos das mídias poderiam ser trazidos para dentro dos cultos da comunidade, engendrando, assim, novas formas de culto voltadas para os jovens. Em que medida e como o culto poderia ocupar espaços nas mídias acessadas pelos jovens. São questões a serem pensadas pela teologia prática e pela Igreja.

Que nenhum esquema simplista nos prenda, mas, que, com liberdade, possamos buscar caminhos desconhecidos. Que no cultivo da fé, do amor, da amizade e vida em grupos, possamos enxergar as relações reais, do face a face que nos levam para além da família, da igreja como instituição. A convivência com o plural influencia na vivência de forma convicta da fé e torna-nos seres comprometidos com a sociedade.

³⁵ A religião é vista no aspecto institucional como sendo composta por autoridades humanas, mas a fé/religião continua dando sentido à vida de jovens, fazendo ligação com o transcendente.

³⁶ ALVES, Rubem. O enigma da religião. 4 ed. Campinas: Papirus, 1988. p. 19ss.

³⁷ CORNEHL, P. Theorie des Gottesdienst. In: Theologie Quartalsschrift 159, 1979. 178-195.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p. 99-138.

ALVES, Rubem. **O enigma da religião**. 4. ed. Campinas: Papirus, 1988. p. 19ss.

BARBOSA, Livia. (Org.). **Juventudes e gerações no Brasil contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina/Universidade. 2012.

BECKS, Hartmut. *Der Gottesdienst in der Erlebnisgesellschaft*. Waltrop: Spenner, 1999.

BOBSIN, Oneide. **Correntes religiosas e globalização**. São Leopoldo/ Curitiba: CEBI/IEPG/PPL, 2002.

BOLTZ, Norbert; BOSSHART, David. **Kult marketing**: die neuen Götter des Marktes, Düsseldorf: Econ, 1995.

CALVANI, Carlos E. Momentos de beleza: teologia e MPB a partir de Tillich. In: **Portal de Publicações Científicas**, n. 8. Disponível em: <http://www.metodista.br/ppc/correlatio/correlatio08/momentos-de-beleza-2013-teologia-e-mpb-a-partir-de-tillich> Acesso: 21/03/2010.

CALVANI, Carlos Eduardo. **Teologia da arte**: Espiritualidade, Igreja e Cultura a partir de Paul Tillich. São Paulo: Paulinas/Fonte Editorial, 2010, p. 60.

CORNEHL, P. Theorie des Gottesdienst. In: **Theologie Quartalsschrift** 159, 1979. 178-195.

CORNEHL, Peter. **Die Welt ist voll von Liturgie**: Studien zu einer integrativen Gottesdienstpraxis. Stuttgart: Kohlhammer, 2005.

DROOGERS, André. Religiosidade Mínima Brasileira. **Religião e Sociedade**, v. 14, Caderno 2, 1987.

EUGENIO, Fernanda (Org.). **Culturas jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

FAILING, Wolf-Eckart; HEIMBROCK, Hans-Günter. **Gelebte Religion wahrnehmen: Lebenswelt, Alltagskultur, Religionspraxis.** Stuttgart: Kohlhammer, 1998.

GALINDO, D., GUSSO, A. C. Quando o sagrado vira moda. In: MELO, José Marques de; GOBBI, Maria Cristina; ENDO, Ana Claudia Braun (Orgs.). **Mídia e religião na sociedade do espetáculo.** São Bernardo do Campo: UESP, 2007. p. 62-78.

GANZEVOORT, R. Ruard. Encruzilhadas do caminho no rastro do sagrado. **Estudos Teológicos.** São Leopoldo, v. 49, n. 2, p. 317-343, jul./dez. 2009.

GRÄB, Wilhelm. Auf den Spuren der Religion. **Zeitschrift für Evangelische Ethik**, n. 39, 1995, p. 43-56.

GRÄB, Wilhelm. **Lebensgeschichten, Lebensentwürfe, Sinndeutungen: eine praktische Theologie gelebter Religion**, 2. ed. Gütersloh: Gütersloher Verlag, 2000.

GRIMES, Ronald L. Emerging Ritual. In: GRIMES, Ronald L. **Reading, writing, and ritualizing.** Ritual in fictive, liturgical and public places. Washington, D.C.: The Pastoral Press, 1993, p. 23-37.

HERRMANN, Jörg. **Sinnmaschine Kino: Sinndeutungen und Religion im populären Film.** Gütersloh: Kaiser, 2000.

HERVIEU-LÉGER, Daniele. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento.** Petrópolis: Vozes, 2008.

KIRSNER, Inge. Film, Fragment, Fraktal: eine kleine Kino-Apokalypse. In: STOLT, Peter; GRÜNBERG, Wolfgang; SUHR, Ulrike (Hrsg.). **Kulte, Kulturen, Gottesdienste: öffentliche Inszenierung des Lebens.** Göttingen : Vandenhoeck & Ruprecht, 1996. p, 50-62.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo.** São Paulo: Cia das Letras, 2006.

MAGALHÃES, Antônio. **Deus no espelho das palavras.** São Paulo: Paulinas, 2000.

MARSH, Clive. **Theology goes to the movies:** an introduction to critical Christian thinking. London/New York: Routledge, 2007.

MAZZARELA, Sharon R. **Os jovens e a mídia:** 20 questões. Porto Alegre: Artmed, 2009.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2006.

NOVAES, Regina R. Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 18, no.52, p. 321-330, 2004.

REBLIN, Iuri Andréas. **Para o alto e avante:** uma análise do universo criativo dos super-heróis. Porto Alegre: Asterisco, 2008.

REBLIN, Iuri. **Planeta diário:** rodas de conversa sobre quadrinhos, super-heróis e teologia. São Leopoldo: EST, 2013.

RIBEIRO, Jorge Cláudio. **Religiosidade jovem:** pesquisa entre universitários. São Paulo: Loyola/Olho d'Água, 2009.

SBARDELOTTO, Moisés. **E o verbo se fez bit:** uma análise da experiência religiosa na internet. São Leopoldo: Unisinos/IHU, 2012.

TILLICH, Paul. **Teologia da cultura.** São Paulo: Fonte Editorial, 2009.